

## SÃO MANUEL BUENO, MÁRTIR: O HOMEM SACRO EM UMA VIDA DESPROVIDA DE FÉ E FUTURO

*Luiz Raposo*<sup>1</sup>

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

*Fransmar Costa Lima*<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

**RESUMO:** O presente artigo tem como objeto uma análise da novela de Miguel de Unamuno, “São Manuel Bueno, Mártir”. Dom Manuel, personagem fictícia, pároco de um pequeno vilarejo que se vê diante de grande dilema: a perda da fé e confiança no porvir. Nesta jornada, Unamuno aproveita para tocar em assuntos de grave importância atual, tais como a questão do suicídio, o porquê do existir e a existência de um Deus supremo. Neste artigo, buscou-se compreender as inquietações e motivações de Dom Manuel, trazendo para este discurso personagens de outros autores e outras histórias, para um aprofundamento na compreensão das motivações humanas e da importância do sentido da vida.

**Palavras-chave:** Fé, porvir, suicídio, existência, Unamuno.

**ABSTRACT:** This article has as an object an analysis of the novel by Miguel de Unamuno, "São Manuel Bueno, Mártir". Dom Manuel, fictional character, parish priest of a small village that faces a great dilemma: loss of faith and confidence in the future. In this journey, Unamuno takes advantage of playing in matters of grave importance today, such as the question of suicide, the reason for existing and the existence of a supreme God. In this article, we sought to understand the concerns and motivations of Dom Manuel, bringing to this discourse characters from other authors and other stories, for a deeper understanding of human motivations and the importance of the meaning of life.

**Keywords:** Faith, future, suicide, existence, Unamuno.

### INTRODUÇÃO

Miguel de Unamuno é o criador da personagem objeto desta pesquisa, Dom Manuel. Segundo Melo (2011), Miguel de Unamuno, nasceu em Bilbao, na Espanha, no ano de 1864. Ficou órfão cedo e foi criado por um tio, tendo vivenciado de perto

---

<sup>1</sup> Luiz Augusto Raposo Martins Filho é pós-graduado em História e Filosofia Contemporânea pela Universidade Metodista de São Paulo, em jun/2018, bacharel em Ciências Contábeis pela FEAO-Faculdades de Ciências Econômicas e Administrativas, em dez/1998, pós-graduado em Controladoria de Empresas pela UNIP-Universidade Paulista, em dez/2007, pós-graduado em Comércio Exterior pela FMU em dez/2011. E-mail: [martins\\_raposo@yahoo.com.br](mailto:martins_raposo@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Fransmar Barreira Costa Lima, é doutor e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel e licenciado em Filosofia. Pesquisa temas da filosofia contemporânea, com ênfase na Filosofia da Existência, e suas relações com a literatura, a arte e o cinema. Professor do curso de Pós-Graduação em História e Filosofia contemporânea da Universidade Metodista de São Paulo, onde orientou a monografia de conclusão de curso que deu origem a esse artigo. Editor e palestrante. E-mail: [fransmar@liberars.com.br](mailto:fransmar@liberars.com.br)

a luta entre as forças progressistas e tradicionalistas que dominavam Bilbao, fazendo com que este movimento deixasse fortes marcas em seu pensamento político. Se formou em filosofia e Letras pela Universidade de Madrid, mas antes de assumir a cadeira de reitor, em 1896-1897, passou por uma profunda crise religiosa, onde tentou encontrar uma explicação racional para o sentido da vida e para Deus. Ao sair de tal crise, Unamuno concluiu que se deve abandonar qualquer pretensão ao racionalismo e abraçar a fé. Foi através destas suas experiências de vida política e acadêmica, e de seus contínuos questionamentos sobre a fé e a razão, que nasceu a novela “São Manuel Bueno, Mártir”, que foi primeiramente publicada no ano de 1931, sendo republicada em 1933, contendo algumas alterações.

Miguel de Unamuno apresenta a personagem Dom Manuel através dos olhos de outra personagem, Ângela Carballino, uma jovem que em nada difere dos outros habitantes do vilarejo de Valverde quanto à veneração que tem sobre o próprio, o santo, segundo estes. Uma cidade onde a população vive isolada do mundo exterior, onde se nasce, cresce e morre.

Dom Manuel se dedica de maneira altruísta e enérgica a fazer todo o possível para tornar a vida de seu rebanho mais confortável e suportável. Seu porte majestoso e modos suaves, sua voz ressonante e inspiradora e seu exemplo de sacrifício cristão, fazem com que ele apareça santo aos olhos de todos que o conhecem. Em uma vida onde os grandes desafios são estar atento ao tempo certo de plantar e o tempo certo de colher, é fácil entender a admiração de todo o vilarejo quanto à figura do pároco Dom Manuel, chegando ao ponto de cegá-los quanto a real condição psicológica de Dom Manuel.

Esta condição se apresenta na sua total apatia quanto sua própria vida atual e descrença na vida futura. Isso se demonstra tanto no âmbito do uso da palavra (seus sermões) quanto da sua interação com a vida material (a figura do lago e da montanha de Valverde de Lucerna, cidade onde se passa a trama da história). Afinal, Don Manuel tinha um segredo que, na duração de sua vida, apenas duas pessoas vem a ter ciência: ele é ateu. Não acredita na vida após a morte ou na ressurreição da alma imortal.

Diante desta história de certa forma trágica, o presente artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre a novela de Miguel de Unamuno, “São Manuel Bueno, Mártir”, tendo como foco seu dilema da perda da fé e confiança no porvir, assim como em sua relação com os pensamentos de suicídio, o porquê do existir e a existência de um Deus supremo. O estudo pretende trazer à tona o questionamento sobre a importância de ter um sentido na vida, que a impulsiona e sirva como motor e motivação.

### **MENS SANA IN ORBIS INSANO<sup>3</sup>**

A novela de Unamuno (1999) se ilustra em Valverde de Lucerna pertencente à Diocese de Renada, na Espanha. Quem narra a História é Ângela, outra personagem, que inicia seu relato contando sobre o início do processo de beatificação de Dom Manuel, feito pelo bispo da região.

A aldeia de Valverde de Lucerna é um paraíso rural remoto, mas que apresenta suas provações e tribulações diárias. Dom Manuel é seu pároco, e se destaca na exegese das Escrituras, colocando o significado histórico no contexto, exibindo objetivamente a fé externa, que os aldeões testemunham abertamente. Porém, ele luta na eisegese, ou seja, em sua interpretação bíblica pessoal, baseada em suas habilidades de compreensão, ocultando subjetivamente seus medos e descrenças internos, que mantinha escondidos da vista em seu trabalho com os aldeões. O dilema que enfrenta é seu problema com dois princípios teológicos tradicionais: a ressurreição do corpo, dada a mortalidade “carne e osso”; e a vida eterna, ou imortalidade, dada a morte e o “terror da extinção”. Assim, tanto o leitor, como Dom Manuel, deve aceitar a divisão natural entre o “conhecido” e o “desconhecido” (HOLLINGSWORTH, 2013).

A narrativa demonstra como Dom Manuel possuía forte poder de persuasão sobre sua comunidade, ao convencê-los do amor divino mesmo sem crer nele, pois, conforme Ângela “quando nos olhava parecia transpassar a carne como um cristal para esquadrinhar nossos corações”. O mesmo olhar que, segundo Melo (2011), fez correr fama nos arredores da aldeia, de que Dom Manuel, era um fazedor de milagres, cuja força estava em seu olhar, capaz de retirar a verdade de alguém.

Na interpretação de Hollingsworth (2013), que escreveu uma Dissertação de doutorado em filosofia sobre a novela de Dom Manuel, o conhecimento histórico fornece raízes para criar fé. Neste sentido, o pároco Dom Manuel esforça-se por confiar no que foi escrito na história. A narração da ressurreição do corpo e uma vida eterna foi escrita na Bíblia e é uma base do dogma católico. Como padre católico, ele tenta acreditar na doutrina que lhe foi dada para defender, mas é difícil de compreender por sua aparente contradição da natureza.

---

<sup>3</sup> *Mente sã em mundo insano*, alusão a frase *mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são) proveniente da Sátira X do poeta romano Juvenal

Na novela de Unamuno (1999), Dom Manuel deixa claro sua angustia durante seus sermões, onde apresenta o insistente uso do Salmo 22:1 do Rei Davi, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Durante a súplica parece ainda deixar à tona suas dúvidas para a real descrença na divindade.

Afinal, pode-se somente ser abandonado por quem pode abandonar. Seria na verdade ainda as raízes de sua infância que falam alto? Ou ainda um ar de ironia, onde não há o sentimento sacro, mas sim o real abandono dos que o cercam. Abandono evidenciado pelo fato de que as pessoas ao seu redor preocupam-se tão simplesmente com o que podem usufruir de sua pessoa. Afinal, seria ele notado se fosse tão somente mais um dos habitantes que passa a existência em seu ir e vir diário?

Mas qual o motivador para que Dom Manuel continue seu pároco ofício? A novela não deixa claro qual é esse motor, ele simplesmente segue. Mas é na figura de Lázaro, irmão de Ângela e ateu declarado, que ele encontra seu igual. Lázaro Carballino é um morador local que passou anos na América espanhola, onde acumulou uma fortuna substancial e depois retornou a sua aldeia natal. Lázaro é ateu e ativista social, desdenha os caipiras locais e quer levar sua mãe e irmã para uma grande cidade progressista. Mas, conforme interpreta Mancing (2006), como todo mundo, quando Lázaro conhece o padre local, ele fica impressionado com o que parece ser sua genuína decência e inteligência.

A partir de então, ambos começam a passar tempo juntos, dando longos passeios pelas ruínas de um antigo mosteiro na margem do lago local. Por fim, ocorre o que o povo considera um milagre: Lázaro anuncia que se converterá ao cristianismo e comungará. Toda a aldeia percebe isso como um maravilhoso triunfo de Deus sobre a incredulidade e celebra a conversão. Porém, quando Lázaro e sua irmã voltam para casa, Ângela faz o comentário de que toda a aldeia está feliz em ver a conversão, então Lázaro afirma que foi exatamente por isso que foi feito: fazer todo mundo feliz.

Afinal, Mancing (2006) explica que tal conversão não era autêntica, mas sim um show para o bem do povo. Era essa a real intenção. Assim, nos anos seguintes, Lázaro se torna a mão direita de Don Manuel em seu trabalho em nome do povo da aldeia. Mesmo que os dois homens não acreditem, eles fazem todo o possível para reforçar a simples crença do povo e tornar sua vida mais confortável.

É através desta amizade que, então, os leitores gradualmente são apresentados ao inferno de Dom Manuel. O verdadeiro Inferno, não o metafísico pintado nas folhas da Comédia de Dante Alighieri, mas sim aquele apresentado por Sartre, quando diz que o Inferno está nas relações com os outros:

Então, é isso que é o inferno! Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... O inferno são os outros! (SARTRE, 2005, p.22).

Para Dom Manuel estes “outros” (inferno de Sartre) é o pobre populacho de Valverde, onde, abdicando de uma promissora carreira eclesiástica, ele entrega-se em total servidão até o fim de seus dias. Cumpre seu papel apesar da constante tentação em levar a termo sua vida no que se conclui algemado ao santo ofício da sujeição ao próximo.

E a cidade constrói cegamente o santo pelos seus atos de auxílio com sua preocupação com a assiduidade dos habitantes. Crentes na santidade ao ponto de o ver como fazedor de milagres. Assim, Ângela, que chegou a morar fora da cidade para estudar, resolveu logo voltar, pois desejava ser protegida por Dom Manuel:

A vida dele era salvar casamentos desajustados, aproximar filhos rebeldes dos pais ou aproximar os pais dos filhos, confortar os amargurados, os desanimados, e ajudar a todos a bem morrer (UNAMUNO, 1999, p.10).

Na interpretação de Melo (2011), são inúmeras as vezes que Dom Manuel se coloca em inteira disposição para auxiliar a população da aldeia, estando sempre presente nos momentos em que mais precisam dele, ou seja, ele está diretamente ligado ao seu povo. Afinal, só chegaria à santidade por ter se dedicado a realizar benfeitorias em prol da aldeia, mesmo que esse não fosse o seu principal objetivo.

É dentro deste contexto que o descrente Dom Manuel também carrega uma visão de que o povo de Valverde não poderia viver sem o ópio do porvir. Priva-os da verdade, pois desta maneira faz com que a angústia que domina sua alma não seja compartilhada e sentida pelo povo. Afinal, qual seria a reação da população ao confrontar-se com a perda de suas bases de vida? Como poderia a população seguir quando tem seus valores corrompidos e destruídos.

Unamuno (1999) relata o pensamento de Dom Manuel:

Porque se não o fizesse me atormentaria tanto, tanto, que acabaria gritando-a no meio da praça, e isso jamais, jamais, jamais. Eu estou aqui para fazer viver as almas de meus paroquianos, para fazê-los felizes, para fazer com que sonhem ser imortais, e não para matá-los. É preciso que vivam saudavelmente, com unanimidade de sentido, e isso não poderiam fazer com a verdade, com a minha verdade. Que vivam. Nisso a Igreja acerta: faz com que vivam (UNAMUNO, 1999, p.17).

É sentindo-se desprovido do conceito de ser, por estar em cheque com o que acreditava ser a sua natureza humana explicável que Dom Manuel leva uma vida de angústia. Quando ausente do alicerce que o antes não só o definia como Homem, mas também define o entendimento de mundo e a ação nele que se perde. É também por não enxergar no mundo uma saída racional que estaque sua angústia que Dom Manuel sente-se atraído pela ideia do suicídio.

Meu pobre pai, que morreu com quase noventa anos – ele mesmo me contou – era um torturado pela tentação do suicídio, que o perseguia já nem se lembrava desde quando, ‘desde o berço’, dizia. Defender-se dela era sua vida. Para não sucumbir, extremava-se em cuidados. Contou-me cenas terríveis. Aquilo parecia uma loucura. E eu a herdei (UNAMUNO, 1999, p.19).

Por este motivo, Melo (2011) explica que Dom Manuel se preocupava em preencher sua vida com várias tarefas, buscando fugir do ócio, ocupando sua mente, por acreditar que havia herdado de seu pai essa estranha tendência ao suicídio.

Neste cenário onde Dom Manuel passa o dia a cumprir tarefas que considera inúteis apenas para ocupar a mente e “ter o que fazer”, e onde luta entre a atração e o medo do suicídio, cabe ilustrar o Mito grego de Sísifo, um homem condenado a repetir eternamente a mesma tarefa, que é a de empurrar uma pedra até o topo de uma montanha, sendo que sempre que está quase alcançando este topo, a pedra, por uma força irresistível, rola novamente montanha abaixo, levando Sísifo a começar tudo de novo.

Albert Camus, em 1942, utiliza este mito para discorrer sobre a filosofia do absurdo, e versa sobre o suicídio, onde diz:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. [...] Julgo, portanto, que o sentido da vida é a questão mais decisiva de todas (CAMUS, 2018, p.8).

Camus (2018), discorre sobre sua filosofia do absurdo, onde compreende que a condição humana mais absurda é viver e construir a vida na esperança do amanhã, sendo que a cada amanhã fica-se mais perto da morte.

O que resta é um destino de que só a saída é fatal. Fora dessa única fatalidade da morte, tudo, alegria ou felicidade, está liberto. Permanece um mundo de que o homem é o único senhor. O que o prendia era a ilusão de um outro mundo. A inclinação de seu pensamento não é mais a de renunciar, mas a de explodir em imagens (CAMUS, 2018, p.69).

Assim, ele utiliza o mito, onde compara Sísifo, que ele denomina como “herói absurdo”, pois “o é tanto por suas paixões como por seu tormento”, com os trabalhadores operários, que trabalham todos os dias de suas vidas nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo do que o de Sísifo, mas é trágico nos raros momentos em que se torna consciente, sendo que Sísifo, assim como Dom Manuel, têm plena consciência desta sua condição trágica diária (CAMUS, 2018).

Ao analisar este pensamento, pode-se compreender a situação de Dom Manuel, que vive o absurdo de ocupar seus dias com tarefas que para ele não fazem sentido, para não ter tempo para pensar nas questões do suicídio, que é considerado um grande pecado. Ao mesmo tempo, há sua perda da fé e da crença em Deus. Então, se não há Deus, não há pecado, e se não há pecado, qual o mal do suicídio, já que acabaria com seu tormento?

Em seu livro, Camus cita as ideias de Chestov, e diz resumi-las na seguinte filosofia:

A única saída verdadeira está precisamente ali onde não há saída conforme o julgamento humano. Do contrário, para que teríamos nós necessidade de Deus? As pessoas só recorrem a Deus para obter o impossível. Para o possível, os homens se bastam (CAMUS, 2018, p.25).

Como Dom Manuel não tem mais Deus para recorrer, cabe-lhe as ideias suicidas. Conforme diz Melo (2011), quando o homem encontra apenas o absurdo vazio da existência, resta a ele se questionar integralmente sobre o sentido da vida, decidindo por si se vale a pena ou não viver.

A angústia de Dom Manuel está na falta de sentido da vida, não obstante continua vivendo em completa alteridade. Mas não acredita nos frutos que poderá colher no futuro, na vida após a morte. Afinal é o nada que o espera. Esta falta de objetivo é o que marca o vazio interior e o desejo do saque antecipado de seu túmulo.

Em relação ao sentido da vida, Nietzsche, em seu livro “Assim falava Zaratustra”, diz:

Coisa para nos preocupar é a vida humana, e sempre vazia de sentido: um trovão lhe pode ser fatal! Quero ensinar aos homens o sentido da sua existência, que é o Super-homem, o relâmpago que brota da sombria nuvem homem (NIETZSCHE, 2002, p.26).

É interessante comparar a história de Zaratustra com a de Dom Manuel, devido a alguns opostos. Zaratustra vivia em um habitat isolado, em uma caverna na montanha, de onde um dia resolve sair para dividir seus pensamentos com os habitantes da planície. Ele tenta ensinar ao povo sua noção de super-homem, que corresponderia a superação do homem por ele mesmo, através de sua autonomia, e da morte de Deus, onde afirma: “Deus está morto”. Com isso, querendo dizer que o homem precisa superar o pensamento religioso e a mentalidade servil, encontrando sua verdadeira natureza. Nietzsche quer demonstrar que para se superar e assumir o controle da própria vida, o homem precisa ter vontade, se mover por uma vontade, uma meta, que dê sentido a sua vida, e não colocar tudo nas mãos de um Deus supremo.

Melo (2011) acredita que Dom Manuel estabelece como sua causa o “fazer viver” e repete inúmeras vezes que é “preciso fazer viver”. Dessa forma, provavelmente é esta meta que lhe dá forças e sentido para continuar vivendo, e assim consegue controlar o seu fardo, propagando a sensação divina, que considera ilusória, para os aldeões que seguem aos seus cuidados. Como Sísifo, Dom Manuel empurra sua pedra todos os dias, pregando a religião, mesmo não crendo mais nela, pois acredita que o seu povo, se ficar sem a fé e sem os ensinamentos da Santa Madre Igreja, não suportariam o fardo de viver.

Por ainda carregar consigo o ideal de santidade, não se desprende destas correntes. Têm ainda como modelo a figura pronta do santo, com seus valores em totalidade. Talvez se livrando

deste modelo, e tendo o ser humano como foco, aplacasse parte de sua ansiedade, assim como Sartre destaca em um de seus textos:

Mas não podemos admitir que um homem possa julgar o homem. O existencialismo dispensa-o de todo e qualquer juízo desse tipo: o existencialismo não colocará nunca o homem como meta, pois ele está sempre por fazer (SARTRE, 1984, p.20)

Assim, cabe o questionamento: É o ser humano capaz de viver sem a crença em algo? Sem acreditar em alguma força maior e além do seu controle ou total conhecimento? Mesmo àqueles que colocam a Ciência como a chave de resposta absoluta (ou caminho para) tem de certa forma crença em algo que ainda lhe escapa pelos dedos. Afinal, nem ela é suficiente, e tampouco o homem que a concebe o é. Sendo que parece razoável pensar que o problema não está em não acreditar em um Deus superior, mas o problema reside no que se coloca no espaço vazio que antes era preenchido pelo conceito de Deus.

Então, o que se coloca no espaço na mente reservado ao Criador quando se tira-o de cena? Para Dom Manuel, nas palavras de Ângela, deixa-se o espaço, que antes era ocupado pela certeza do porvir, ser preenchido pela melancolia submissa de uma vida que simplesmente segue.

No livro de Umberto Eco e o Cardeal Carlo Maria Martini “Em que creem os quais não creem? Um diálogo sobre a ética no fim do milênio”, os autores travam um diálogo sobre o tema, onde o Cardeal reflete sobre a questão do porvir:

No apocalipse o tema predominante é, em geral, a fuga do presente para refugiar-se em um futuro que, depois de ter desbaratado as estruturas atuais do mundo, instaure com força uma ordem de valores definitiva, conforme às esperanças e desejos de quem escreve o livro. Depois da literatura apocalíptica se acham grupos humanos oprimidos por graves sofrimentos religiosos, sociais e políticos, os quais, não vendo saída alguma na ação imediata, projetam-se na espera de um tempo, no qual as forças cósmicas se abatam sobre a terra para derrotar todos os seus inimigos. Neste sentido, pode observar-se que em todo apocalipse há uma grande carga utópica e uma grande reserva de esperança, entretanto, ao mesmo tempo, uma desolada resignação em relação ao presente (ECO; MARTINI, 1999, p.10).

O Cardeal Martini questiona sobre existir uma noção de esperança/porvir (e de própria responsabilidade em relação ao amanhã) que possa ser comum a crentes e não crentes. O autor acredita que haja, de um modo ou outro, já que na prática se pode ver que há crentes e não crentes que vivem seu próprio presente, conferindo a este um sentido e comprometendo-se com ele responsabilmente (ECO/ MARTINI, 1999).

Isso resulta especialmente visível no caso de quem se entrega de maneira desinteressada e por seu próprio risco, em nome dos mais altos valores, sem compensação visível. O que quer dizer, portanto, que existe um húmus profundo, do qual crentes e não crentes, conscientes e responsáveis, alimentam-se ao mesmo tempo, sem serem capazes, talvez, de lhe dar o



mesmo nome. No momento dramático da ação importam muito mais as coisas que os nomes, e não vale a pena, desatar uma questão nominal quando se trata de defender e promover valores essenciais para a humanidade (ECO; MARTINI, 1999, p.12).

Hollingsworth (2013) cita a Oração da Serenidade, do americano Reinhold Niebuhr (1892-1971), um teólogo: "aceitar o que não podemos mudar, ter coragem de mudar o que podemos mudar e sabedoria para saber a diferença". Niebuhr também escreveu: A civilização precisa de religião?

Ao pensar sobre o significado de crenças e religiões, Hollingsworth (2013) diz ter ficado impressionada com a noção de que as religiões, como as línguas, são diferentes para suas divisões regionais, mas, na mesma proporção, são uma parte fundamental da natureza, tão essencial quanto comer, dormir, mover-se e ser movido. Elas são, às vezes, camufladas pelo seu habitat natural de culturas e civilizações. Elas, às vezes, obscurecem a clareza e o foco, enquanto outras vezes iluminam o dia de alguma maneira especial. Assim, religiões e crenças são únicas e, se não se encontram unificadas, estão unidas em um reino que ressalta a subjetividade.

Voltando a Nietzsche e Zaratustra, ao renegar a religião e dizer que Deus está morto, e que o homem pode ser um super-homem, se apresentando como tal, Zaratustra assume a posição de Deus perante aquele povo a quem se dirige, e perante si mesmo. E, para ser Deus, precisava de um povo, ou melhor, para que a grandeza de um super-homem seja evidente, é preciso ter quem a observe. Portanto, será que Zaratustra precisava mais do povo do que o povo de Zaratustra? Da mesma forma, se todos se tornassem um super-homem, a grandeza do primeiro deixaria de ser, pois todos se tornariam iguais. Assim, a figura da caverna na montanha, mantendo-o acima do povo, distanciando-o, torna-se importante para configurar essa diferença de um ser superior em relação aos demais.

Diante desta ideia, ao comparar com a história de Dom Manuel, observa-se que ele acredita saber a verdade, o que o torna diferente dos outros que vivem na ilusão. Porém, diferente de Zaratustra, não quer despertar o povo. Isso porque Zaratustra, também desperto, se vangloria de não ser dependente de um Deus supremo, assumindo para si a responsabilidade por sua vida e suas ações, enquanto Dom Manuel não. Este último sofre, pois preferia continuar vivendo na suposta ilusão. Por sofrer, não quer que seu povo também sofra, pois crê que estes não suportariam viver sem um Deus supremo e sem religião. Por isso, se empenha em mantê-los na ilusão. Acaba assumindo para si a função de Deus de seu povo, controlando suas crenças.

Dostoievski, quando escreveu “Crime e Castigo”, em 1866 conta a história de um jovem, Ródion Ramanovich Raskolnikov, que ao crer que era uma pessoa superior, e que todas

as pessoas superiores acabam cometendo assassinatos para atingir seus objetivos, e isso acaba por trazer avanços para a humanidade, tal personagem se justifica nesta premissa para o ato de assassinar uma senhora agiota, pessoa ruim, que maltratava inclusive a irmã mais jovem (DOSTOIEVSKI, 2004).

Em seu raciocínio, Raskolnikov acredita que para conseguir os meios para atingir seu pleno potencial, cometer tal crime, mesmo sendo contra a lei, não seria moralmente condenável (DOSTOIEVSKI, 2004). Então é onde cabe o questionamento: há crime sem castigo? Mesmo um criminoso acreditando que seu crime é moralmente correto, consiga esconder as provas para não ser condenado, será que ainda assim não será castigado de alguma forma?

O personagem Raskolnikov (DOSTOIEVSKI, 2004), que acaba por assassinar a agiota, a quem devia, e, por um infortúnio, assassina também a irmã da senhora, que apareceu imprevisivelmente no momento do crime, passa a viver sob a pressão dos conceitos morais da época, em uma Rússia católica ortodoxa e aristocrática, onde mesmo ele afirmando não se sentir culpado pelo crime, se apresenta ao leitor como se sentisse tal culpa, buscando punir-se o tempo todo, só se mostrando aliviado após sua confissão do crime.

Observa-se, em comparação à Raskolnikov, que parece que Dom Manuel também passa o tempo todo a punir-se, pela culpa da perda de sua fé e de não ter mais um sentido para sua vida, buscando dar sentido à vida dos outros. Ora, se Dom Manuel sente culpa pela perda da fé, e se pune, está se castigando por qual motivo? Afinal, se Deus não existe, por que a culpa? A personagem mesmo diz na novela que seu mosteiro é Valverde de Lucerna, onde não deveria viver sozinho, nem morrer sozinho, que viveria para o povo, pois como poderia salvar sua alma se não salvar a da sua cidade? Então, novamente, se não há Deus, por que a preocupação em salvar sua alma?

A personagem de Unamuno, Ângela, reflete:

E agora, ao escrever esta íntima confissão de minha experiência com a santidade alheia, creio que Dom Manuel Bueno, que meu São Manuel e meu irmão Lázaro morreram crendo não crer no que mais nos interessa, mas, sem crer que criam, crendo, através da desolação resignada (UNAMUNO, 1999, p. 26).

Nessa perspectiva, Melo (2011) diz que a narradora reflete sobre o fato de que, apesar de repetidamente Dom Manuel se confessar como um infiel à Lázaro e a ela mesma, será que crendo não crer, ambos (ele e seu irmão) não acabaram terminando acreditando na religião?

Por fim, Melo (2011) sugere que Ângela, após perder Dom Manuel e também seu irmão Lázaro, passa a refletir sobre o maior ensinamento que considera ter recebido de Dom Manuel, de que é preciso viver, e que essa é a coisa mais importante que Dom Manuel fez por ela e por todos de Valverde, pois os ensinou a viver, a sentir a vida, a sentir o sentido da vida.

## CONCLUSÃO

Após esta análise, e ao debruçar-me em estudo na história de Dom Manuel, é possível para o leitor questionar seu caráter, suas crenças e atitudes perante a vida. Se está seguindo a vida ou determinando ela. Se possui metas, motivação, propósito, ou simplesmente se deixando levar, empurrando suas pedras. Se a vive ou se penaliza por ela.

Fazer uma avaliação de Dom Manuel, leva o leitor a compreender a importância da fé na vida, seja direta ou indiretamente. Isso porque caso Dom Manuel tivesse mantido sua fé, não teria sofrido e lutado tanto para manter a fé na aldeia. Essa fé pode ser em Deus ou em si mesmo, como mostra Nietzsche em Zarathustra, ou como bem colocou o Cardeal Carlo Martini.

A fé traz propósito, direcionamento e conforto. Ao mesmo tempo, a fé não deve cegar ou colocar a pessoa em estado de torpor, se conformando sempre com o porvir, com o amanhã que pode ser melhor. A fé não deve tirar do homem sua vontade, nem colocar nele culpas.

Dom Manuel, ao acreditar ter perdido sua fé, não deixou de manter em si os dogmas de sua religião, e punia-se diariamente. Assumiu para si uma responsabilidade em cuidar do outro, por não ter fé nem mesmo no outro, já que não lhe passava pela cabeça que seu povo teria capacidade de viver sem a fé que ele havia perdido.

Por fim, o sentido de ser ou de pertencer a vida, a uma comunidade, a uma religião ou crença, assim como o amor, a esperança e a fé, dependem tanto da confiança autêntica na vida como na verdade em que se crê. Sem um sentido na vida, a vida perde o sentido, e o suicídio passa a ter sentido.

## REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo, ensaio sobre o absurdo**. Lê Livros, 2018.

DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Crime e Castigo**. São Paulo: Editora Abril, 2004.

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. **Em que crêem os quais não crêem? Um diálogo sobre a ética no fim do milênio**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HOLLINGSWORTH, Catherine Ann. **Theological existentialism in San Manuel Bueno, Mártir**. 247f. Dissertação de Doutorado em Filosofia, Wayne State University, Detroit, Michigan, 2013.

MANCING, Howard. The lessons of San Manuel Bueno, mártir. **MLN - The Johns Hopkins University Press**, n.121, 343-366, 2006.

MELO, Lucas Gilnei Pereira de. São Manuel Bueno, mártir: a hagiografia de um santo sem fé. **Revista Espaço Acadêmico**, n.120, ed. Especial, p.167-174, 2011.

NIETZSCHE, Frederico. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, 2002.

UNAMUNO, Miguel de. **São Manuel Bueno, mártir**. São Paulo: L&PM Pocket, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.